



# CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA

## *Título de Cidadão Honorário*

PROPONENTE: VEREADORA JOSI KIERAS DO COLETIVO

### **FERNANDA RIQUELME**



Fernanda Riquelme, filha da Dona Marcilia da Rosa, nasceu em Ponta Grossa em 1962, mas foi registrada em Castro em 1963. Viveu sua infância na Rua Catão Monclaro, próximo ao Sovinski. O cortume que tinha na região também foi cenário das brincadeiras de criança.

Aos sete anos mudou-se para a 31 de Março, bairro que estava no início do desenvolvimento e estudou no seminário que havia próximo. Quando o pai abandonou a família, sua mãe não teve outra opção, sua irmã foi morar com a outra irmã mais velha e

Fernanda ficou como interna no Seminário.

Desde criança viveu como menina. Não foi uma opção, era o reflexo da sua alma. Conviver dentro de uma instituição religiosa era difícil, ora pelo preconceito, ora pelo abuso.

Depois de alguns anos, a família retornou a uma casa de madeira, próximo ao Sovinski. Numa brincadeira com fogos de artifício a casa pegou fogo e a família se viu apenas com a roupa do corpo. Fernanda estudou no Colégio Meneleu, onde fez o Curso Técnico de Administração, mas não foi à formatura, porque exigiram que ela usasse uma roupa masculina.

Em Londrina, iniciou sua militância no movimento LGBTQIA+ quando participou da diretoria da ONG Adé Fidan, onde coordenou o Projeto Boa Noite Cidadão. Estrelou a peça "Quero Viver de Dial", sucesso no festival de teatro de Londrina.





# CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA

## *Título de Cidadão Honorário*

PROPONENTE: VEREADORA JOSI KIERAS DO COLETIVO

### **FERNANDA RIQUELME**

Em 2001, foi selecionada para participar do Treinamento em Ativismo e Cidadania, projeto financiado pela UNESCO, realizado em parceria com ONGs e com a Secretaria Estadual de Saúde. Retornou a Ponta Grossa, onde integrou a diretoria do Grupo Renascer, desenvolvendo várias atividades.

Em 2007, sofreu uma grande violência física, por transfobia e ficou internada por 3 meses. Teve que implantar pinos no seu maxilar. Continuou atuando em eventos de Direitos Humanos de LGBTQIA+ Participou do Livro Geografias Malditas, que tem um relato sobre a sua vida, e também do livro Borboletas do Asfalto.

Depois de sofrer um atropelamento, quebrou o fêmur e descobriu uma grave doença. Passou a ser atendida pelo Hospital Erasto Gaertner de Curitiba, sempre com seu nome social, onde se submeteu a um auto-transplante de medula.

Nunca se abateu, nem pela doença, nem pelas violências que sofreu durante a vida. A vigilância pela saúde é constante, são nove anos de tratamento. Participou recentemente do documentário "Sobre Vivências Travestis" realizado pelo curso de Jornalismo da UEPG, onde narra um pouco da sua trajetória. O vídeo já tem mais de 317 mil visualizações.

A fé e a oração são a sua fortaleza! "O Brasil é o País que mais mata pessoas trans e travestis, a expectativa de vida da nossa população é de 35 anos, sobreviver é um ato de muita coragem".

